

O ciclo de inteligência: a evolução da doutrina do Exército dos Estados Unidos da América a partir de 2010

Maj Cav Lucas Saraiva Schneider*

Introdução

A Doutrina Militar está em constante transformação. Conforme o *Manual EB20-MF-10.102* (2022, p. 1-1) “A Doutrina Militar Terrestre deve ser permanentemente atualizada em função da evolução da natureza dos conflitos, resultado das mudanças da sociedade e da evolução tecnológica.” Logo o contexto social e tecnológico conduz a novas formas de atuação das forças militares.

A doutrina de inteligência militar não se furtaria a essa característica, especialmente no que se refere ao **ciclo de inteligência**. Assim, tal processo necessita ser constantemente reavaliado e atualizado.

A última edição da publicação que fundamenta o ciclo de inteligência no Exército Brasileiro é o *Manual Inteligência Militar Terrestre* do ano de 2015. Esse manual está em revisão e, em 2025, será publicada uma nova edição, conforme o Plano de Desenvolvimento da Doutrina Terrestre – PDDMT (2022, p. 18).

Por outro lado, em outros exércitos, como o dos EUA, frequentemente a doutrina de inteligência é revisada e atualizada. Desde 2010, ao menos três edições de manuais doutrinários foram atualizadas. Percebe-se, assim, um ritmo mais intenso de atualização doutrinária no Exército dos EUA, quando comparado ao Brasil.

Considerando os diferentes ritmos de revisão doutrinária aplicada no Brasil e nos EUA, este artigo busca identificar em que medida estamos defasados em relação à doutrina do ciclo de inteligência, tendo em vista o lapso temporal desde nossa última publicação sobre o assunto. Nesse contexto, este artigo tem como tema a evolução da doutrina no Exército dos EUA, relativa ao ciclo de inteligência, a partir de 2010.

Com o intuito de alcançar uma resposta ao problema proposto, este estudo realiza uma análise documental dos principais manuais do Exército dos EUA que abordam o ciclo de inteligência a partir de 2010. A partir daí, aborda a atual doutrina do Exército Brasileiro com o objetivo de apontar as principais semelhanças e diferenças entre ambas.

Entender a evolução doutrinária de outros exércitos pode nos conduzir a melhores resultados em nossos próprios processos. Sendo assim, este artigo torna-se pertinente ao buscar analisar as evoluções na doutrina do ciclo de inteligência do Exército Americano com a finalidade de refletir em que aspectos essa evolução pode contribuir ou ser adaptada à nossa realidade. Além disso, pode contribuir com a revisão do *Manual Inteligência Militar Terrestre* (EB20-MF-10.107) em andamento.

*Maj Cav (AMAN/2004, EsAO/2013). Curso Básico de Inteligência para Oficiais (2007); Curso Intermediário de Inteligência com pós-graduação *lato sensu* em Gestão de Organizações de Inteligência (2023). Atualmente, é subcomandante do Núcleo do 1º Batalhão de Inteligência Militar.

A evolução doutrinária do ciclo de inteligência nos manuais do Exército Americano a partir de 2010

O ciclo de inteligência no Exército Americano em 2010

O manual FM 2-0 (2010) organizava o ciclo de inteligência nas atividades continuadas de **geração de conhecimento de inteligência, análise, avaliação e difusão** (USA, 2010, p. 4-2). Já as fases do processo eram o **planejamento, preparação, obtenção e produção** (USA, 2010, p. 4-2).

Quanto às atividades continuadas, o FM 2-0 (2010, p. 4-3) destacava que a **geração de conhecimento de inteligência** era uma atividade que começava o mais cedo possível e continuava durante todo o processo de operações. Já a **análise** ocorria em vários estágios ao longo do processo de inteligência, em todos os níveis, no apoio à tomada de decisão (USA, 2010, p. 4-5). A **avaliação** começava no recebimento da missão e continuava durante todo o ciclo de inteligência, de forma a monitorar o andamento das operações (USA, 2010, p. 4-5). Por fim, a **difusão**, garantia de que os usuários recebessem as informações de inteligência necessárias para apoiar as operações (USA, 2010, p. 4-6).

A primeira fase do ciclo de inteligência era o **planejamento**. Essa fase estava relacionada com tarefas de identificação dos requisitos de informação e desenvolvimento dos meios para satisfazer esses requisitos (USA, 2010, p. 4-9). Encontrava-se nessa fase a gestão de coordenação dos meios **intelligence, surveillance and reconnaissance – ISR¹** (USA, 2010, p. 4-10) e a sincronização ISR, que resultava em três tipos de requisitos: os **priority intelligence requirements** (PIRs)²; os **requisitos de inteligência**³;

e os **requisitos de informação** (USA, 2010, p. 4-14). Os PIRs e os requisitos de inteligência, por sua vez, eram divididos em **indicadores**⁴ e **specific information requirements – SIRs**⁵ (USA, 2010, p. 4-14).

A fase seguinte do processo era a **preparação**. Exigia a observação de aspectos como coordenação; inspeções e ensaios; estabelecimento de redes eficientes de comunicações; montagem e atualização contínua de estimativas; transferência eficiente de inteligência entre unidades nas passagens de missão; verificação do entendimento das regras de engajamento etc. (USA, 2010, p. 4-16). Desse modo, a fase envolvia múltiplas tarefas de preparação antes do emprego dos meios de obtenção.

A terceira fase do processo era a **obtenção** e envolvia receber os dados, processá-los e relatá-los em resposta aos requisitos de inteligência. Essa fase relacionava-se às tarefas de reunir, processar rapidamente e relatar com precisão e oportunidade informações em resposta às tarefas ISR ligadas à ameaça, ao terreno e ao clima, e considerações civis para uma determinada área de operações e área de interesse (USA, 2010, p. 4-16).

A última fase do ciclo de inteligência era a **produção**. Conforme o manual FM 2-0 (2010, p. 4-20, tradução nossa), a produção envolvia:

[...] a combinação de informações analisadas e inteligência de fontes únicas ou múltiplas em inteligência ou produtos de inteligência, para atender a requisitos conhecidos ou antecipados.

O ciclo de inteligência no Exército Americano em 2012

Em 2012, foram publicados os manuais *ADP 2-0 Intelligence* e a publicação doutrinária *ADRP*

2-0 Intelligence, trazendo significativas modificações a respeito do ciclo de inteligência em suas atividades continuadas e fases.

Foram desconsideradas como atividades continuadas do ciclo de inteligência a **difusão** e a **geração de conhecimento**, previstas em 2010. Por outro lado, mantiveram-se as atividades de **análise e avaliação**. Em relação à atividade de análise, o *ADRP 2-0* (USA, 2012b, p. 3-9, tradução nossa) destacava que: “A análise ajuda os comandantes, estados-maiores e líderes de inteligência a enquadrar o problema, enunciá-lo e resolvê-lo.” Já em relação à atividade de avaliação, o *ADRP 2-0* (USA, 2012b, p. 3-9, tradução nossa) definia que a ação envolvia:

[...] o monitoramento e a avaliação contínuos da situação atual, particularmente das atividades de ameaças significativas e mudanças no ambiente operacional.

O ciclo permaneceu com quatro fases, porém com modificações em suas tarefas, que se dividiam, a partir de 2012, em **planejamento e direção; obtenção; produção; e difusão** (USA, 2012b, p. 3-1).

A primeira fase do processo era o planejamento e direção. Nessa fase, os analistas preparam produtos de planejamento detalhados para os usuários, para a produção de ordens e a condução das operações, como a *Intelligence Preparation of the Battlefield – IPB⁶* (USA, 2012b, p. 3-3). O *ADPR 2-0* destacava que, nessa fase, os requisitos de informação eram identificados e, em seguida, eram planejadas as formas de respondê-los, consolidando-se o Plano de Obtenção de Informações (USA, 2012b, p. 3-3). Destacava-se, ainda, a necessidade de determinação do *Intelligence Reach⁷* e as coordenações e ligações necessárias (USA, 2012a, p. 8).

A fase seguinte era a **obtenção**. O *ADRP 2-0* (2012b, p. 3-6, tradução nossa) assim define a fase: “A obtenção consiste em coletar, processar e relatar informações em resposta a tarefas de obtenção de informações”.

A terceira fase do ciclo de inteligência era a **produção**. A fase era caracterizada pela geração de conhecimento sobre as ameaças e o ambiente operacional por meio da integração dos dados obtidos e informações existentes, provendo a consciência situacional e apoiando a tomada de decisão (USA, 2012b, p. 3-7). Nessa fase ainda, ressaltava-se a tarefa de **processamento**. O *ADRP 2-0* (2012b, p. 3-7) citava que a seção de inteligência processava os dados coletados pelos meios da organização militar e os recebidos dos escalões subordinados e superiores, necessitando de tabulação das grandes quantidades de informações obtidas.

Por fim, a última fase do ciclo de inteligência era a **difusão**. A fase tinha a finalidade de garantir que os conhecimentos gerados na fase de produção chegassem oportunamente aos usuários (USA, 2012b). Assim, a difusão dos conhecimentos obtidos durante o desenvolvimento do ciclo de inteligência fechava o processo.

Em síntese, o ciclo de inteligência em 2012, no Exército Americano, era composto pelas etapas de planejamento e direção, obtenção, produção e difusão. A primeira fase do ciclo em 2012 aglutinou as duas primeiras fases do processo em 2010 (planejamento e preparação). A segunda fase em 2012 (obtenção) era a terceira fase em 2010. A terceira fase em 2012 (produção) era a última fase do ciclo em 2010. As quatro atividades continuadas de 2010 ficaram restritas a **avaliação e análise**, ocorrendo a absorção da geração de conhecimento de inteligência para a fase de planejamento e direção, e a transferência da difusão (atividade continuada em 2010) para a última fase do ciclo em 2012.

O ciclo de inteligência no Exército Americano em 2018

Em 2018, foi publicada uma nova edição do *ADP 2-0 Intelligence*. Na nova publicação, o ciclo

manteve as atividades continuadas de **análise** e **avaliação** e a divisão do ciclo em quatro fases. Como novidade, foram incluídas, na ilustração do processo, as **competências essenciais de inteligência**⁸.

A atividade de análise desenvolvia-se sobre-tudo por meio da **exploração**, da *Single-Source Intelligence*⁹ e da *All-Source Intelligence*¹⁰. A exploração era caracterizada por uma análise inicial, pelos meios de obtenção e analistas, antes de relatar ou distribuir as informações para elementos de *Single-Source Intelligence* e *All-Source Intelligence* (USA, 2018a, p. 3-2). Já na avaliação, destacavam-se as tarefas de monitoramento contínuo; manutenção da sincronização de inteligência; e a garantia de operações de inteligência eficazes (USA, 2018a, p. 3-8).

A primeira fase do ciclo manteve-se como **planejamento e direção**. Nessa fase estavam previstas tarefas como a produção de conhecimentos sobre o ambiente operacional; o desenvolvimento dos requisitos de inteligência e gerenciamento da obtenção; a determinação do alcance de pesquisa e inteligência; e o planejamento da arquitetura de inteligência (USA, 2018a, p. 3-2). Foi dada maior ênfase à questão do planejamento da arquitetura de inteligência de forma colaborativa entre as seções de operações e inteligência. Tal colaboração visava facilitar o planejamento, enriquecer a análise e ampliar a consciência situacional (USA, 2018a, p. 3-3).

A fase seguinte do ciclo de inteligência era a **obtenção e processamento**. Eram tarefas mutuamente dependentes, que deveriam ser sincronizadas e monitoradas pela equipe de inteligência (USA, 2018a, p. 3-5). O manual *Joint Publication 2-01* (2017a, p. GL-8) define **obtenção** como: “[...] aquisição de informações e o fornecimento dessas informações aos elementos de processamento.” Já o Processamento era caracterizado pelas tarefas de converter dados

brutos em uma formatação utilizável; pelo emprego da inteligência PED; correlação de dados, tradução de documentos e mídia e descriptografia de sinal; e pelo reporte e distribuição dos dados (USA, 2018a, p. 3-2). Em relação aos recursos PED, o *ADP 2-0* (USA, 2018a, p. 3-6) destaca que realizam o processamento de dados brutos para as operações de inteligência.

A terceira fase era a **produção**. A única alteração em relação à doutrina de 2012, nessa fase, foi a supressão da tarefa de processamento, que passou a fazer parte da fase anterior (obtenção e processamento), podendo passar a ser uma tarefa dos recursos PED (USA, 2018a, p. 3-5). Desse forma, os dados e informações que chegavam à fase de produção já estavam prontos para ser trabalhados.

A última fase do ciclo de inteligência era a **difusão**. No *ADP 2-0*, a única mudança relativa à doutrina de 2012 foi a inclusão, como partícipes do processo, dos *Unified Action Partners*¹¹ (EUA, 2018a, p. 3-6).

Em 2018, foram inseridas, ainda na ilustração do ciclo de inteligência, as **competências essenciais de inteligência**. Essas competências eram a sincronização de inteligência, as operações de inteligência, a inteligência PED e a análise de inteligência (USA, 2018a, p. 2-4). Em conjunto, tais capacidades eram responsáveis por fazer o ciclo de inteligência se movimentar.

Em síntese, o ciclo de inteligência em 2018 sofreu pouca evolução em relação a 2012. A **avaliação** e **análise** mantiveram-se como as atividades continuadas. O processo manteve-se em quatro fases: planejamento e direção; obtenção e processamento, produção e difusão. Nessa evolução, a atividade de **processamento** foi adicionada na fase de obtenção. Além disso, passou a considerar as **capacidades essenciais de inteligência** dentro do processo.

O ciclo de inteligência no Exército Americano em 2019

Em 2019, uma nova publicação do *ADP 2-0* foi disponibilizada, não ocorrendo modificações no ciclo de inteligência em relação à edição de 2018.

O ciclo de inteligência no Exército Brasileiro

O ciclo de inteligência no Exército Brasileiro é dividido em quatro fases. O *Manual Inteligência Militar Terrestre* (2015a, p. 6-1) explica que: “Este faseamento é cíclico, compreendendo a **orientação, a obtenção, a produção, a difusão** para o comandante e seu estado-maior e para outros decisores”. Além das fases citadas, existem as atividades continuadas de **avaliação** e **realimentação**.

A avaliação e reavaliação dos procedimentos executados durante o ciclo reorientam, quando necessário, as tarefas de inteligência, garantindo credibilidade aos conhecimentos produzidos (Brasil, 2015a, p. 6-1). Já a realimentação garante que o ciclo não se encerre e esteja constantemente atualizado (Brasil, 2015a, p. 6-2).

A primeira fase do ciclo de inteligência no Exército Brasileiro é a **orientação**. Nessa fase, são desencadeadas tarefas ligadas ao planejamento de inteligência e execução por meio do controle das atividades de obtenção (Brasil, 2015b, p. 4-2).

A segunda fase do ciclo de inteligência no Exército Brasileiro é a **obtenção**. Nessa fase, por meio de etapas que envolvem exploração, processamento e distribuição de dados, todas as fontes de dados e informações são exploradas pelos meios de obtenção para posterior processamento e difusão (Brasil, 2015a, p. 4-3).

A fase seguinte é a **produção**, na qual dados obtidos na fase anterior são transformados em conhecimentos de inteligência. O *Manual Inteligência Militar Terrestre* (2015b, p. 6-4) destaca que:

Na fase de produção, os dados, informações e conhecimentos obtidos são convertidos em novos conhecimentos de inteligência, para responder às necessidades de inteligência dos usuários.

A última fase do ciclo é a **difusão**. Essa fase caracteriza-se pela divulgação, por canal seguro, dos conhecimentos produzidos, ao usuário que o solicitou ou mediante ordem para quem o conhecimento for útil (2015b, p. 6-4).

Em síntese, o ciclo de inteligência no Exército Brasileiro orienta a produção do conhecimento por meio de um processo dividido nas fases de orientação, obtenção, produção e difusão. Além dessas fases, o processo ainda conta com as atividades de avaliação e realimentação que permeiam o ciclo de inteligência como um todo. Desse modo, conduzem o processo ordenadamente para gerar conhecimento.

Comparação entre o ciclo de inteligência no Exército Brasileiro e Exército Americano

As doutrinas do Exército Brasileiro e do Exército Americano possuem formas diferentes de organizar o ciclo de inteligência, havendo momentos de aproximação e afastamento entre ambas.

A doutrina americana possui atualmente duas atividades continuadas: a avaliação e a análise (USA, 2018, p. 3-1). Já na doutrina do Exército Brasileiro, existem as atividades de realimentação e avaliação (Brasil, 2015a, p. 6-2).

Verifica-se que a atividade de avaliação é coincidente em ambos os processos. Na doutri-

na americana, contudo, a avaliação está voltada particularmente ao acompanhamento da ameaça e ambiente operacional (USA, 2019a, p. 3-8). Já a doutrina brasileira caracteriza a atividade como a avaliação dos procedimentos realizados durante o ciclo de inteligência (Brasil, 2015a). Dessa forma, a avaliação na doutrina americana tem um sentido mais amplo que na doutrina brasileira.

A segunda atividade prevista na doutrina do Exército Brasileiro é a realimentação. A re-alimentação do ciclo é necessária para que ele se mantenha atualizado e capaz de atender às necessidades do usuário (Brasil, 2015a, p. 6-1). Já na doutrina americana, a segunda atividade continuada prevista é a análise.

Em relação ao ciclo de inteligência, tanto a doutrina brasileira quanto a americana possuem quatro fases.

A primeira fase em ambos os processos orienta a direção geral dos trabalhos de inteligência que serão desenvolvidos. Como tarefas similares entre as doutrinas, temos a identificação das necessidades de inteligência, confecção de plano de obtenção de conhecimentos e controle da atividade de obtenção. A doutrina americana, contudo, relaciona tarefas ligadas à geração inicial de conhecimento de inteligência sobre o ambiente operacional, preparação de produtos voltados para apoio ao planejamento, além do planejamento da arquitetura e alcance de inteligência (USA, 2018, p. 3-2). Tais aspectos não são previstos na doutrina Brasileira.

A segunda fase no ciclo de inteligência do Exército Brasileiro também possui similaridades. Ações relacionadas à exploração dos meios de obtenção, conversão de dados brutos e distribuição dos dados são atividades semelhantes na doutrina do Brasil e dos EUA. Existem no Exército americano, contudo, tropas direcionadas aos recursos PED para refinamento de dados brutos ou para conversão automatizada ou baseadas em cognição humana de dados para distribuição posterior (Harclerode, 2015). A

doutrina brasileira cita a tarefa de transformação de dados brutos pelos próprios meios de obtenção (Brasil, 2015b, p. 4-3).

A terceira fase do ciclo de inteligência do Exército Brasileiro e Americano é denominada produção. Em ambas as doutrinas, a produção é caracterizada pela análise dos dados obtidos e disponíveis para produção dos conhecimentos. A fase de produção na doutrina americana destaca a importância da questão de sincronização e priorização do esforço de produção e produção de geointeligência (USA, 2018a, p. 3-6). Já na doutrina brasileira, o destaque é dado à tarefa de interpretação da **metodologia de produção do conhecimento** (Brasil, 2015b, p. 4-6).

A última fase do ciclo de inteligência do Exército Brasileiro e dos EUA é denominada difusão. Não existem diferenças relevantes nas duas doutrinas. Em ambas, as fases caracterizam-se pela difusão dos conhecimentos para os usuários, por canais de transmissão ou métodos e técnicas de difusão. Os manuais americanos, contudo, são mais detalhados em aspectos relacionados a métodos e técnicas de difusão (USA, 2018a, p. 3-7) e plano de difusão.

Em síntese, as fases nos ciclos de inteligência no Brasil e EUA são similares. Em ambas, o ciclo de inteligência é dividido em quatro fases, contudo a doutrina americana é mais detalhada, especialmente na primeira e segunda fase. Além disso, ambas as doutrinas possuem duas atividades continuadas, sendo a de avaliação similar nas duas doutrinas. Já a segunda atividade apresenta-se divergente, sendo a atividade de **re-alimentação** prevista na doutrina brasileira e a **análise** prevista na doutrina americana.

Considerações finais

Analizando a evolução doutrinária do ciclo de inteligência do Exército dos EUA a partir de 2010, verificamos que alterações significativas ocorreram. A comparação realizada entre a

atual doutrina americana e brasileira demonstrou existir muitas semelhanças e algumas diferenças entre ambas.

No que se refere às atividades continuadas, verificou-se que a avaliação é uma ação comum às duas doutrinas estudadas. Como segunda atividade contínua, a doutrina americana prevê a análise, já a brasileira prevê a realimentação.

Já no contexto da primeira fase do ciclo de inteligência, verificou-se que, na doutrina americana, existe a abordagem do conceito do alcance de inteligência apoiando a fase, o que não é citado na doutrina brasileira. A principal diferença, na segunda fase do ciclo, é que a doutrina americana prevê estruturas não existentes no Brasil, como as de utilização de recursos PED. Na terceira fase, destaca-se, na doutrina americana, a ênfase na necessidade de priorização e sincronização do esforço de produção, tendo em vista o grande volume de informações colocadas à disposição. Por fim, a difusão foi observada como principal diferença, dada a importância do plano de difusão na doutrina americana.

Dessa forma, conclui-se que a comparação entre a doutrina brasileira e americana indicou alguns aspectos importantes a serem considerados para evolução de nossa atual doutrina.

Sugere-se o estudo da possibilidade de a **análise** ser considerada uma atividade permanente na doutrina brasileira, conforme ocorre na doutrina americana, tendo em vista ser uma atividade executada permanentemente da orientação até a difusão.

Em relação à **primeira fase do ciclo de inteligência**, destaca-se, na doutrina americana, o alcance de inteligência, que proporciona

economia de meios e rapidez na coleta. O compartilhamento de dados é previsto na Estratégia Nacional de Inteligência e na Política Nacional de Inteligência, contudo não é citado nos manuais do Exército Brasileiro, tendo em vista serem anteriores às normas publicadas.

A **segunda fase do ciclo de inteligência** na doutrina dos EUA possui o conceito de **recursos PED de inteligência**. Em um cenário em que o volume de informações é cada vez maior, visualiza-se que estruturas similares às dos recursos PED de inteligência sejam necessárias para manter o assessoramento eficiente e eficaz.

Em relação à **terceira fase do ciclo de inteligência**, destaca-se a tarefa de **priorização e sincronização do esforço de produção de inteligência**. Tal procedimento poderia ser considerado em futuras atualizações da doutrina do Exército Brasileiro, tendo em vista a importância de priorizar perante o grande volume de dados.

Por fim, a **fase de difusão** destaca-se na doutrina dos EUA com o plano de difusão, que visa a coordenação dos canais de transmissão com os diversos atores envolvidos. Esse aspecto também poderia ser considerado na evolução de nossa doutrina.

Em síntese, observamos que nossa doutrina não está totalmente defasada quando comparada à doutrina do Exército dos EUA, sendo muito semelhante à atual doutrina americana, cuja última revisão disponível em fonte aberta ocorreu em 2018. Observamos, contudo, que há questões pontuais na doutrina americana que podem ser estudadas e avaliadas para atualizações de nossos manuais.

Referências

BRASIL. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Plano de Desenvolvimento da Doutrina Militar Terrestre**. EB70-P-10.001. Edição 2023. Brasília, DF, 2022b. Disponível em: <http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/pddmt>. Acesso em: 28 jul 2023.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Doutrina Militar Terrestre**. Manual de Fundamentos EB20-MF-10.102. 3. ed. Brasília, DF, 2022. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/11768>. Acesso em: 28 jul 2023.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército**. EB20-MF-03.109. 5. ed. Brasília, DF, 2018c. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/1/1148>. Acesso em: 8 jul 2023.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Inteligência**. Manual de Campanha EB20-MC-10.207. 1. ed. Brasília, DF, 2015b. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/1/2595>. Acesso em: 2 abr 2023.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Inteligência Militar Terrestre**. Manual de Fundamentos EB20-MF-10.107. 2. ed. Brasília, DF, 2015a. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/95>. Acesso em: 2 abr 2023.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **MD33-M-02 – Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas**. 4. ed. Brasília, DF, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/File/legislacao/emcfa/publicacoes/manual-md33-m-02-manual-de-abreviaturas-siglas-simbolos-e-convencoes-cartograficas.pdf/view>. Acesso em: 23 jun 2023.

HARCLERODE, Eric. “Modeling Intelligence PED with FOCUS: A Tactical-Level ISR Simulation”. **Defense Systems Information Analysis Center**, Maryland, v. 2, n. 4, p. 17-22, October, 2015. Disponível em: <https://dsiac.org/journals/fall-2015-volume-2-number-4/>. Acesso em: 22 jun 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of Defense. Joint Publication (JP) 2-01 **Joint and National Intelligence Support to Military Operations**. Washington, DC, 5 July 2017. Disponível em: https://irp.fas.org/doddir/dod/jp2_01.pdf. Acesso em: 24 jun 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of the Army. Headquarters. **ADP 2-0 Intelligence**. Washington, DC, 31 August 2012a. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/intell/library/policy/army/adp/index.html>. Acesso em: 31 maio 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of the Army. Headquarters. **ADP 2-0 Intelligence**. Washington, DC, 4 September 2018a. Disponível em: <https://www.hSDL.org/c/abstract/?docid=815935>. Acesso em: 20 jul 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of the Army. Headquarters. **ADP 2-0 Intelligence**. Washington, DC, 31 July 2019a. Disponível em: https://armypubs.army.mil/ProductMaps/PubForm/Details.aspx?PUB_ID=1007351. Acesso em: 16 abr 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of the Army. Headquarters. **ADP 6-0 Mission Command**. Washington, DC, 31 July 2019c. Disponível em: https://armypubs.army.mil/ProductMaps/PubForm/Details.aspx?PUB_ID=1007502. Acesso em: 19 jun 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of the Army. Headquarters. **ADRP 2-0 Intelligence**. Washington, DC, 31 August 2012b. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/intell/library/policy/army/adrp/index.html>. Acesso em: 31 maio 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of the Army. Headquarters. **ATP 2-01.3 Intelligence Preparation of the Battlefield**. Washington, DC, 1º March 2019b. Disponível em: https://armypubs.army.mil/ProductMaps/PubForm/Details.aspx?PUB_ID=1006342. Acesso em: 14 abr 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of the Army. Headquarters. **ATP 3-21.8 Infantry Platoon and Squad**. Washington, DC, 23 August 2016. Disponível em: https://armypubs.army.mil/ProductMaps/PubForm/Details.aspx?PUB_ID=106213. Acesso em: 20 jun 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of the Army. Headquarters. **FM 2-0 Intelligence**. Washington, DC, 23 March 2010. Disponível em: <https://irp.fas.org/doddir/army/fm2-0>. Acesso em: 27 abr 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of the Army. Headquarters. **FM 2-0 Intelligence**. Washington, DC, 6 July 2018b. Disponível em: <https://irp.fas.org/doddir/army/fm2-0-2018.pdf>. Acesso em: 14 abr 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of the Army. Headquarters. **FM 3-0 Operations**. Washington, DC, 27 February 2008. Disponível em: [https://army.rotc.umich.edu/public/resources/FM3-0Operations\(FEB08\).pdf](https://army.rotc.umich.edu/public/resources/FM3-0Operations(FEB08).pdf). Acesso em: 11 jun 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of the Army. Headquarters. **FM 3-98 Reconnaissance and Security Operations**. Washington, DC, 10 Jan 2023. Disponível em: https://armypubs.army.mil/ProductMaps/PubForm/Details.aspx?PUB_ID=1026266. Acesso em: 1º jul 2023.

⁵O manual *FM 3-98* destaca que os SIRs facilitam a atribuição de tarefas ao combinar os requisitos com a capacidade do ativo (EUA, 2023, p. 3-20, tradução nossa).

⁶O *ATP 2-01.3* (2019b, p. Glossary 5, tradução nossa) define *Intelligence Preparation of the Battlefield* (IPB) como: “[...] processo sistemático de analisar as variáveis de missão, inimigo, terreno, clima e considerações civis em uma área de interesse para determinar seu efeito nas operações.”

⁷*Intelligence Reach* é a atividade pela qual as organizações de inteligência acessam informações de forma proativa e rápida, recebem apoio e conduzem colaboração direta e compartilhamento de informações com outras unidades e agências [...] (USA, 2012b, p. glossary-4, tradução nossa).

⁸Competências essenciais de inteligência são as atividades e tarefas mais básicas que o Exército usa para descrever e conduzir a função de combate de inteligência e poder nacional para inteligência tática (USA, 2018a, p. 2-4).

⁹*Single-Source Intelligence* inclui o conjunto de disciplinas de inteligência e as capacidades complementares de inteligência (USA, 2018a, p. 4-2, tradução nossa).

¹⁰O *ADP 2-0* define *All-Source Intelligence* como a integração de inteligência e informações de todas as fontes relevantes (USA, 2018a, p. Glossary 2, tradução nossa).

Notas

¹O FM 3-0 (2008, p.7-8, tradução nossa) definia *ISR* como: [...] atividade que sincroniza e integra o planejamento e operação de sensores, recursos e sistemas de processamento, exploração e disseminação em apoio direto às operações atuais e futuras.

²O manual *FM 2-0* definia PIRs como um dos dois elementos chaves do *Commander's Critical Information Requirement* (CCIR), caracterizado como um requisito de informação identificado pelo comandante como sendo crítico para facilitar a tomada de decisão oportuna (2010, p. 4-14, tradução nossa).

³O manual *FM 2-0* definia Requisitos de Inteligência como um tipo de requisito de informação desenvolvido por comandantes subordinados e o estado-maior (incluindo estados-maiores subordinados) que solicitavam ISR dedicados a obtenção de elementos de ameaça, terreno e clima, e considerações civis (USA, 2010, p.4-15, tradução nossa).

⁴O *FM 3-98* define Indicadores como evidências positivas ou negativas de atividade de ameaça ou qualquer característica da Ambiente Operacional que aponte para vulnerabilidades de ameaças, adoção ou rejeição pela ameaça de uma determinada atividade [...] (EUA, 2023, p. 3-20).